ANNO I RIO DE JANEIRO N. 5

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R.

REVISTA

DA SOCIEDADE

PHENIX LITTERARIA

PUBLICAÇÃO MENSAL

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Rodolpho Paixão, Urbano Duarte, Dantas Barreto, Licinio Cardoso e Pedro Ivo

MAIO DE 1878

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DO IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO

Rua d'Ajuda n. 61, chacara da Floresta.

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R.
4171
57

REVISTA

DA SOCIEDADE

PHENIX LITTERARIA

SUMMARIO.—Do Atelier para o templo.—Destino do Realismo.—O Christianismo não agonisa?!—Ligeiras divagações philosophicas.—Influencia do positivismo na sociedade.—Poesias.—Saudades de minha irmã.—Scenas da escravidão.—O Primo Basilio.

Do Atelier para o Templo

Quando se trata de bellas-artes ninguem, que conhecendo a sua historia, poderá olvidar a Italia. O espirito leva-nos insensivelmente para ella, e ahi, como que parando diante de tudo quanto ideialisamos sentimos prehenchido o vacuo que nos atormentava.

Se, entretanto, em um ou outro ramo de arte ella teve quem lhe tomasse a vanguarda, na pintura, na esculptura na musica jamais se lhe disputou a primasia.

A Italia foi para a pintura e para a esculptura o que a Hespanha e a Inglaterra foram para o theatro. Na Italia nasceram e desenvolveram-se aquellas duas partes do grande e admiravel todo que se chama bellas-artes, como já tivemos a honra de mostrar em um pallido artigo sobre a renascença das artes, no segundo numero desta Revista.

Ahi a pintura e a esculptura se elevaram em dignidade esthetica até onde podia chegar a ideialisação do christianismo.

A Italia arrasta suave e naturalmente o sabio, o poeta, o pensador emfim, a contemplal-a e adoral-a com um culto espontaneo. Cada aldeia, cada cidade, cada montanha tem ahi a sua pagina luminosa na historia da humanidade;

cada palmo do seu fertil e primoroso solo deixa ao viajante as mais suaves e doces recordações de todo o seu passado glorioso.

Se na poesia dramatica ella não teve o cunho de originalidade da Hespanha e da Inglaterra, teve-o mais do que qualquer outro paiz europeu, a excepção da Grecia, na poesia epica.

Na musica tem produzido os mais notaveis talentos até hoje conhecidos. D'ahi partiu tambem o movimento da musica moderna, tal como a conhecemos.

O nome da Italia, finalmente, está ligado a todo o movimento scientifico, artistico e litterario, a todas as invenções e descobertas, a todo o progesso porque passa diariamente o genero humano.

Em qualquer idade que a quizerdes considerar ahi encontrareis tudo quanto se pode precisar de mais grandioso na historia de um povo.

Deixemos agora, amaveis e delicados leitores, estas considerações e entremos, por cinco minutos, em um atelier que vem da mais remota antiguidade até os nossos dias. Supponde-o, ao mesmo tempo, grego, italiano e flamengo.

Alli estão dois magnificos quadros. Um tem o colorido de Raphael, o outro tem o colorido de Rubens. No primeiro plano deste destaca-se, logo ao fitar a téla, um grupo naturalmente disposto. E' tão perfeito que parece animado de vida e movimento.

A téla representa o interior de um gabinete de chimica e physica. Observa-se de um lado, retortas, balanças de precisão, machinas electricas, mangas de vidro, lamparinas, etc. Sobre uma mesa de marmore branco nota-se uma profusão de frascos contendo cada um a sua substancia differente, que vão ser, segundo a sua disposição, empregadas daqui a momentos na realisação de um certo phenomeno. A esquerda do grupo principal existe uma quantidade enorme de apparelhos de misteres differentes que, de instante a instante, estão sendo empregados no incessante labôr dos homens da sciencia, desses verdadeiros secerdotes da humanidade.

O outro representa o espaço bordado de nuvens azues, brancas, escarlates, cinzentas, vermelhas e amarellas desmaiadas. Por entre as nuvens divisa-se, muito ao longe, uma figura humana que ascende ao empyreo.

As plumas brancas das suas grandes azas parecem-se agitar brandamente na téla, cujo conjuncto é do mais perfeito acabado.

Este representa o mysticismo de uma religião decadente, mas que já teve quatorze seculos da mais fulgente gloria; que foi mesmo o balsamo que abrandou os dilacerantes soffrimentos do genero humano em seus desvarios sociaes.

Aquelle grupo que observastes no primeiro quadro, sem adornos, sem as candidas roupagens celestes, compõe-se de um mestre, que ensina aos seus discipulos o caminho por onde se chega aos templos do bem e da verdade. Neste momento acabaram de effectuar uma descoberta, que é mais um elemento irresistivel contra a ignorancia, que vos torna possuidores de mais um segredo da natureza, que dissipa mais uma barreira que se oppunha a evolução da humanidade. O outro que tanto vos exaltou a imaginação, representa uma criança a quem dão *as vestes que a conduzem ao ceu.*

O artista que produziu este inspirou-se no dogma que condemnou o progresso das artes, das sciencias e da industria; que arrastou Galileu ao desterro de um claustro, porque teve a audacia de fallar e querer sustentar a verdade; que descarregou profundos golpes sobre a invenção de Guttemberg, porque extinguia o monopolio que fazia com que os conhecimentos do passado tivessem o seu termo nas classes privilegiadas; que ameaça com as chammas do inferno á quem vive de um trabalho honesto, isento de superstições, almejando somente as recompensas da terra, na razão directa do bem que pratica, ao passo que glorifica o assassimo, o seductor da honra das familias, o ladrão, porque vae todos os dias ajoelhar-se aos pés de um pallido Christo e confessar-se tres vezes por semana. Que condemnou em somma, a verdade do que observastes ainda ha pouco, e que vos leva as vezes a serdes carrascos de vós mesmos. O que executou o outro inspirou-se no dogma que santificou a justiça, o amor, o trabalho, a liberdade, cuja base fundamental é a sciencia.

Um vagueia incerto por todas as regiões do saber humano e sorri-se-lhe a esperança de uma existencia de recompensas em um mundo empyrico; o outro acom-

panha o movimento das sciencias positivas, devassa o espaço, observa a immensidão dos corpos celestes, mede a distancia que vae de um a outro e vive antes para a humanidade do que para si.

Um deixa na téla o sabio que descobriu as leis de attracção e de movimento dos corpos, o outro deixa apenas o symbolo de uma esperança.

Qual dos dois merece-vos mais?...

Demorae-vos um instante mais.

D'alli sahiram tambem, em outros tempos, as estatuas de Phidias, modeladas nos deuses e nos heróes de Homero, alli o magico cinzel de Praxiteles, percorrendo uma a uma as linhas traçadas previamente, fazia levantar as opulentas e voluptuosas Venus, que o povo grego contemplava cheio de adoração e de amor; alli originou-se a primeira e a mais sublime evolução esthetica, de todos os tempos. Naquelle outro compartimento sente-se ainda as pisadas graves e compassadas, como de quem medita, dos grandes artistas que illustraram a pintura, a esculptura e a architectura da Italia, e que desenvolveram a segunda phase do progresso esthetico, cujo fundamento e inspiração buscavam no christianismo. D'alli sahiram os quadros de Raphael, representando S. João no deserto, a vizão de Ezequiel, que por entre uma nuvem se approxima do Padre Eterno, os retratos de Magdalena Doni e da encantadora Fornarina, a voluptuosa amante do grande pintor. Alli Miguel Angelo, pintor, esculptor poeta, meditava diante de um modelo antigo e produzia obras que eram recebidas como de Phidias, tão elevados e perfeitos eram os traços que lhes sabia dar.

Dalli partiram os mais esplendidos pintores da grande escola flamenga. Alli manifestou-se, com as mais voluptuosas galas, o espirito realista de Rubens, o artista que fez da orgia as paginas douradas que o immortalisaram.

Rubens, existindo ha duzentos e tantos annos, foi um verdadeiro artista do seculo XIX; o espirito que o guiava estava avançado do seu tempo mais de dois seculos. A tendencia para realidade dos factos, nos genios robustos, cuja organisação jamais soffrera modificação alguma em seu desenvolvimento physico e intellectual, é patente na historia da humanidade.

Mais um instante e sahiremos.

Alli tendes os arrebatadores vestigios de van Dyck. Levantae as cortinas que envolvem aquelles dois quadros.

Ahi tendes os retratos de Henriqueta de França, a seductora filha de Henrique IV, com os seus cabellos encaracolados e o de Carlos I de Inglaterra, esse despotico e infeliz monarcha, que sempre em lucta com o parlamento de seu paiz e com o seu povo, fora condemnado á morte em 1649, facto identico ao que se deu um seculo mais tarde com o vacillante Luiz XVI, na mais bella epopéa de todos os povos, nesse poema onde os direitos do homem são o protogonista, e cuja introducção foi escripta pelo mais inspirado de todos os poetas que tem cantado a democracia—Mirabeau.

Tão grande e sublime foi esse primeiro canto, que o seu proprio autor querendo suffocal-o depois, rasgal-o mesmo, do livro que já se escrevia com soffreguidão, julgou-se impotente e desanimou.

Já havia sido decorado pela França inteira....

Não poderieis enumerar as obras primas que neste templo da arte encontrarieis, ainda que vos dessem por guia uma Corinna, que de tudo vos fallasse, como a de Mme. de Stael.

Fechemos cautelosamente as portas de tão imponente tabernaculo e penetremos no interior daquelle templo gothico.

Não sentis agora o gelido frio dos tumulos? Não vos parece divisar na escuridão daquella tristonha cella a figura melancolica de um pallido monge, victima de uma crença inabalavel e sincera? Olhae aquelle altar onde permanece cravado n'uma cruz de bronze ha muitos annos, um livido Christo, de olhar amortecido, cuja fronte pende-lhe sobre o peito descarnado. Fitae aquellas columnas que se erguem magestosamente até a abobada desse velho edificio...

O que vos lembra tudo isso? O que vos trazem á memoria esses lugares sombrios? Não vos parece ouvir os hymnos piedosos de outros tempos, e observar as vestes luctuosas de milhares de penitentes que, compenetrados da mais intima adoração iam ahi entoar os seus canticos sacros, em louvor de uma divindade que, em recompensa lhes offerecia *no paraizo uma vida entre os anjos, que o povoam?...* e tudo isto não foi feito com a maior força de convicção?

Destas ceremonias não foi que originaram-se estes templos de saudoso aspecto?

E quem concorreu para tudo isto! não foram os solidarios monges?

Não foram elles que tanto concorram para o desenvolvimento da arte como a tendes hoje? Não vos veio da media idade os fundamentos de tudo isso que ahi vedes, no mais elevado grão de perfeição artistica? Não foram os monges que do seio do seu recolhimento vos mostraram os primeiros raios da luz que nos illumina hoje—a sciencia? Para que, pois, anathematisaes tanto a idade media e anathematisaes os sacerdotes e a igreja, ao passo que exaltaes com tanto fervor as doutrinas do christianismo, de que representam o corpo?

Porque não fazeis a divida justiça aos sacerdotes, quando a conquistaram com tanta abnegação, quando fizeram de um mundo barbaro um mundo civilisado? E é justamente quando os padres e a igreja prestam os mais reaes serviços á sociedade, que sobre elles descarregaes os maiores golpes de vossa metaphysica!

Os positivistas, coherentes como são, não podiam deixar de fazer a justiça que os sacerdotes da idade media merecem; não podiam deixar de consideral-os como o vehiculo por onde passaram os elementos de uma nova civilisação, de um novo estado de sociabilidade. Os positivistas para conseguirem o triumpho da causa que defendem, não precisam de contrahir alliança com theologos ou methaphysicos, porque combatem com a logica irresistivel das sciencias exactas.

E' por isso que a justiça jamais foi vilipendiada por elles.

O catholicismo, exhausto de forças, vae morrer, devido ás armas que lhe passaram pelas mãos. Entretanto quando viu que estava perdido, que as armas que havia fornecido tornavam-se contra si, tentou recolhel-as aos seus velhos arsenaes, porém já era tarde: os mais valentes guerreiros então se haviam apoderado dellas e travou-se a batalha no fervor da qual ergue-se triumphante o pavilhão que symbolisa a sciencia.

Não devieis ó metaphysicos anathematisar os padres e a igreja senão depois que tivestes razão.

Agora sim. Agora que elles perderam a fé de outr'ora; que reconhecem o mal que praticam; agora que a hypocrisia de que se revestem é a vibora com que

vivem a morder o seio da sociedade, agora que o templo transformou-se em lupanar, podeis destruil-os todos, mas sede coherentes, destrui tambem o que lhes serve de alimento.

Se ha cinco seculos o catholicismo tornou-se incompativel com a humanidade; se ha cinco seculos que elle apresenta-se como o phantasma que lhe pretende embargar os passos no caminho do progresso, não se lhe póde, entretanto, sem desconhecer a luz da victoria, escurecer os serviços reaes que prestou durante 1.400 annos.

Terminando a sua missão quando as sciencias positivas demonstraram a sua insuficiencia na direcção intellectual da sociedade; quando um facto que elle attribuia a uma vontade suprema, a sciencia mostrava pela observação que não passava de um phenomeno de extrema simplicidade, resultante de elementos naturaes, então devia ter desapparecido completamente da scena do mundo.

Entretanto, vencido em todas as batalhas em que de então para cá se tem empenhado, anda de continente em continente como o judeu errante e de quando em quando ainda consegue dormir um ligeiro somno, onde a treva subjuga a luz.

Preparae-vos ó theologos e metaphysicos para dirigirdes o vosso ultimo adeus ao idolo de vossas fervorosas adorações. Cada passo dado pela sciencia é um seculo de menos para o vosso moribundo illustre.

Dizei-lhe, porém, que os pintores, os esculptores, e os poetas, filhos do espirito positivo, far-lhe-hão a justiça que elle nobremente conquistou.

Rio, 12 de Maio de 1878.

DANTAS BARRETTO.

Destino do realismo

(Continuação.)

Exprimir, sob fórmas as mais sympathicas, o estado moral, intellectual e religioso da sociedade de seu tempo, foi, é e será sempre missão especial da arte. O sentimento, as noções do verdadeiro, do bom e do bello traduzem-se

pelas faculdades estheticas. Sem ellas a penna, o pincel, o buril, a sólfa, nada poderiam para concretisar a paixão e as agonias, a dôr e as commoções, que tumultuam n'alma humana.

Mas, as idades sociaes têm feições caracteristicas, e, para cada idade, tem a arte sua expressão.

E' assim que, quando voltamo-nos para o passado e, attentamente contemplando os monumentos ennegrecidos pelo correr das eras, segredamos com os historiadores e criticos dos tempos que foram, aprendemos que a arte esteve sempre consubstanciada com o seu seculo; que era voluptuosa na Grecia, onde o ideal rezumia-se na fórma lubrica da mulher formosa; que era esperançosa na Judéa, ahi onde o ideal emanava de Jehovah promettendo o Messias regenerador; que era mystica nos primeiros seculos do Christianismo, quando o artista, o ser tangivel, finito, material — o homem — transportando-se ao seio do — infinito, incoercivel, — o Omnipotente no céo, achava a inspiração e o ideal na parabola do Homem-Deus, na bemaventurança futura.

O artista d'esses tempos não podia representar os costumes e caracteres da época actual, como o de hoje não póde ser o interprete das idades, cujo relevo lhe tem supprimido o remoto semeado pelos seculos, cujo colorido lhe tem desbotado o vento das idéas produzido pelo progredir dos póvos.

D'entre os traços physionomicos da escola realista, fixemos, portanto, os mais geraes, e, adquirindo a noção de seu caracter, vejamos o que pretende: se retratar a sociedade contemporanea, e se n'esse tentamen encontrará elementos de vida.

As épocas succedem-se, e cada geração, que vem, faz mais um passo do itinerario humano traçado no insondavel do tempo e do espaço; por isso, assim como a metaphysica prende-se, segundo Comte, aos dois marcos extremos do caminhar da humanidade — theologia e positivismo, a escola romantica, nas bellas-artes, é o élo que liga a ultima producção do artista classico á primeira creação da escola moderna. Apezar porém d'esta transição lenta e gradual, imposta pela lei da — continuidade do progresso — encarada no genero humano, o realismo tem sido o alvo das imprecações e condemnação d'aquelles, que

consideram a escola romantica como unica capaz de conservar á arte sua roupagem diaphana, e unica capaz de sustental-a em seu pedestal.

Entre estes modos de cultivar a esthetica, ha realmente uma differença; não se póde dizer que seja um a ultima expressão do outro. No fundo divergem radicalmente. Na fórma, porém, tão atacada, não encontramos distincção: é hoje mais extensamente o que foi hontem. Como o romantismo desprezou alguma cousa da harmonia e sonoridade da fórma classica pela energia e dicção mais prompta, assim o realismo não adstringe sua fórma, filha da inspiração mascula do seculo, á palavra convencional empregada pelos genios d'outros tempos estranhos ás maravilhas que fallam ao espirito dos homens de hoje. No fundo, já o dissemos, a distincção é sensivel, é radical. O artista romantico é passivo e individual. Sua missão é symbolisar na terra o infinito do céo; é glorificar o supremo Creador, a quem devemos todas as venturas; é louvar a sabedoria e infinita bondade com que nos dirije, nos aconselha, nos prodigalisa todos os dons; é agradecer a summa clemencia com que creou-nos á sua imagem, para que, amando-o, fossemos o proprio symbolo do Credor do nosso amor e de nossa adoração. No seu individualismo sente a immensidade do amor que o aproxima de Deos, e esquece-se da sociedade em que vive para elevar-se, pela inspiração mystica, ás regiões empyreas. Para elle o conhecido é o infinito, o absoluto; dahi parte para o contingente, o relativo, onde em tudo se manifesta a determinação da vontade suprema. O realista é, ao contrario, activo, e tem o sentimento da collectividade. Reconhece o poder indefinido do homem, engrandece seus feitos, canta suas glorias; admira as maravilhas e os mysterios sublimes lobrigados atrávez o veu caprichoso da natureza; é actor do drama social que o inspira; é parte componente da humanidade e que estereotypa. Sua marcha é ascendente; parte de baixo para cima, da terra para o céo, do finito para o infinito, do relativo para o absoluto. O conhecido são as leis reaes da nutureza,—seu ponto de partida. Dahi a'a-se, esvoaça no espaço fitando e interrogando o eterno, o incomensuravel, e descortina, por entre a nevoa espessa que envolve o futuro, alguma cousa, que traduz a perfectibilidade humana: dahi decorre o seu ideal.

Eis o como entendemos a differença entre estas escolas, e, portanto, o papel que attribuimos ao realismo.

Do que fica dito ve-se: que o idéal—a perfeição entrevista de que queremos aproximar o real—é inseparavel da arte; pertenceu á esthetica de hontem, como pertence a de hoje; que nem a arte moderna é a copia descorada da natureza, nem commemorar, exprimir, symbolisar o real é sua missão exclusiva; que foi sempre este, com mais ou menos intensidade, o papel da arte.

Como é que nos querem convencer hoje que a bandeira da arte moderna tem como legenda—a profanação do bello, a morte da inspiração e a tumba do ideal?!

Littré, profundo pensador do seculo, escrevendo sobre a poesia moderna diz: *Le sentiment d'une immensité où tout flotte s'est emparé graduellement des esprits depuis que l'astronomie a marqué cet infini d'une forme réelle, changeant le ciel en un espace sans borne, peuplé de mondes sans nombre. C'est lui qui depuis lors, a donné le ton à l'âme humaine, a inspiré l'imagination et s'est fait jour dans ce que la poésie moderne a de plus éclatant.*

O romantismo, é verdade, tem no céo, povoado de anjos, de virgens, de cherubins, um manancial para a inspiração, uma fonte perenne de poesia.

Mas, já se tem dito muitas vezes, é da natureza humana a tendencia para o incognito. Ahi, a imaginação encontra uma esphynge perante a qual crêa todos os problemas, todas as soluções, todos os mysterios, todos os impossiveis; é rainha, seu reino é o absoluto; procede como lhe apraz. O céo, porém, nada tendo de hypothetico para o romantico, está no dominio do ignoto para o realista. Este, erguendo-se do visivel para o invisivel, encontra-o como immenso ponto de interrogação no tempo e no espaço. Então as esphynges se lhe apresentam sob fórmas mutiplas e varias; os sonhos e as phantasias scintilham-lhe no cerebro; sente na retina a vibração intensa da luz, e seus ólhos devoram os quadros que passam. Succedem-se: a belleza physica e a perfeição moral—*Phryné* com o sorriso de Magdalena arrependida; a negridão do vicio com o esplendor do bem—no corpo de D. João a alma do Eurico, o espectro da mentira com a aurora da verdade—a Justiça dos homens, guiada pela Justiça absoluta; o sangue da barbaria com

as flores da Instrucção, a Escola onde existira a forca; o verme peçonhento das trevas com a pomba candida da luz, – a liberdade onde existira a escravidão, a tenda livre do operario onde fôra a senzala do escravo.

Então os seres ficticios apparecem-lhe, e não são, como nos ensina Comte, incompativeis com a arte moderna, esses elementos indispensaveis da esthetica; ella os póde crear, póde dar vida á natureza inanimada: Javert, Cavalleiro Negro, Josianna, a Caronada pertencem-lhe tambem.

E', pois, o espirito positivo que caracterisa o genio da ethetica moderna; é o espirito do seculo. A escola que o transluz retrata a sociedade de seu tempo, possue todos os elementos de vida e prosperidade.

Não escureçamos entretanto as difficuldades, que traz o espirito hodierno ás bellas artes. O bello objectivo é mais difficil que o bello subjectivo. Para cantar as glorias ou lastimar as dores de outrem é preciso mais genio que para exaltar os proprios feitos, carpir as proprias maguas.

Demais, na arte a fórma é muito; cream-na o sentimento e a imaginação, e esta nem sempre o positivista tem apta a dialogar com o bello.

Homem de sciencia, em geral, cultivando a razão, atrophia as faculdades imaginativas.

Explica-se assim, certas aberrações, verdadeira excrescencias, que não pertencendo a escola alguma, querem ter o nome de realistas.

O artista de hoje, como o de todos os tempos, deve ter estudado, deve ter a syntheze de todos os conhecimentos archivados nos anaes scientificos, mas não póde, com vantagem, cultivar a sciencia e a arte conjunctamente.

A sociedade moderna não deve córar com as paginas, que chama indecorosas, do livro do realista; deve envergonhar-se das scenas que ellas representam. Siga o caminho da virtude e, onde via *impurezas*, encontrará o perfume candido da moral.

Assumpto era este para grande desenvolvimento pelos mestres na materia; nós, que nem somos aprendiz, nem temos essa pretenção, terminamos aqui.

Rio, Maio de 1878.

LICINIO CARDOSO.

O Christianismo não agonisa?!

São duas palavras.

Vimos á imprensa trasido pelo desejo ardente de impugnar uma these, que tanto se tem debatido na tribuna da « Phenix Litteraria », e que vem de ser aventada n'estas columnas por um de seus mais denodados defensores.

Vimos á imprensa porque temos razões bastante, para suppor que a defesa de uma causa caduca não está nas raias do possivel.

Não vimos sem base, sem um solido escudo. Temos diante de nós as paginas sublimes traçadas pela mão do augusto fundador da philosophia positiva. Guia-nos como um phanal radiante a obra grandiosa do brasileiro illustre, que tomou sobre seus hombros herculeos a tarefa de derramar no seio da sociedade brasileira os principios santos do positivismo.

Quando o homem calcula na larga base de 6 mil annos a trajectoria da historia, na phrase mathematica da Littré, a humanidade se lhe apresenta ao espirito investigador, seguindo sempre uma marcha ascendente, impellida sempre para o futuro por uma lei fatal, inalteravel e eterna— a evolução

Os acontecimentos se encadêão maravilhosamente, os estados sociaes se succedem lenta mas inalteravelmente, os factos se entrelação, se prendem por um élo indestructivel sempre constatado—a lei—.

A historia, transformada pelo positivismo em um instrumento fecundo de observação, nos mostra o homem passando successivamente por tres estados intimamente connexos, admiravelmente ligados, estreitamente correlactos.

Do 1.º estado, puramente provisorio, e que constitue a phase inicial, a humanidade por intermedio do segundo, que é apenas uma modificação do primeiro, essencialmente transitorio, passa a terceira phase da evolução, entra no templo augusto da sciencia e da rasão, onde se proclama o dominio da verdade e o imperio da lei.

Atacando a theologia, a methaphysica critica e dissolvente abre as portas do periodo positivo, e prepara o reinado da humanidade.

Pois bem.

Desçamos na escala chronologica 18 d'esses degráos que se chamam seculos; alevantemos o véo escuro das idades priscas, entremos munidos com o fio de Ariadne, que se chama observação, indagação, no labyrintho gigantesco do passado.

A humanidade na senda evolutiva chegára ao periodo ultimo da sua 1 phase.

Do *fetichismo* primordial e concreto, passára ao *polytheismo* abstracto, que se arruinara pelo progresso da observação natural, e ia ter directamente ao *monotheismo*, a phase derrradeira da theologia, o periodo ultimo em que se manifesta a tendencia humana por estabelecer a religião sobre uma base fóra da natureza.

Eis ahi pois: o catholicismo, como toda philosophia monotheica em geral, tem uma grande missão á desempenhar, tem uma ardua tarefa á cumprir, tem um papel importante á representar na historia da marcha da humanidade. Mas essa missão é transitoria, essa tarefa é passageira. Deve chegar ao seu termo, que é fatal, porque a lei da evolução é uniforme e indefectivel.

O catholicismo que é apenas um caso do monotheismo, vem unificar as divindades multiplas do polytheismo, vem restringir a esphera do espirito religioso e *ipso facto* favorecer as indagações positivas, preparar o periodo da liberdade especulativa.

O catholicismo na phrase de Augusto Comte, vem preparar sob o regimen theologico os elementos do regimen positivo.

Trazia em si os germens de sua propria decadencia e futura ruina: tinha em sua mesma estructura os elementos de sua necessaria quéda e demolição.

Detenhamo-nos entretanto n'este ligeiro esboço, n'esta rapida appreciação, e consideremos o catholicismo debaixo do duplo ponto de vista dogmatico e doctrinario.

Vejamos se d'esta appreciação tosca não resalta o mais vivo antagonismo entre o catholicismo e o progresso; vejamos si o sobrenatural não é incompativel com a lei natural; si a ficção religiosa não é essencialmente excluida pela verdade scientifica, a fé pela razão, o dogma pelo livre arbitrio.

Que! O catholicismo não agonisa?

Não é isto o que nos diz a sciencia; não é isto o que nos diz a historia, mostrando-nos durante esse longo periodo de cinco seculos, durante essa phase de critica, de demolição e de ruina, o catholicismo esphacelando-se retrogadando á passos accelerados, recuando diante da razão, e envolvido em sua larga mortalha talhada pelas gerações de 12 seculos, descendo os degráos do tumulo, e cahindo no seio de sua grandeza, e cahindo coberto de louros que colhera nos combates já travados.

Dissemol-o já; o catholicismo era um elemento historico, necessario, indispensavel, previsto pela lei da evolução social.

Era um dos periodos da marcha lenta da humanidade um dos imprescendiveis degráos da escala do progresso.

Surgio no meio das luctas que assoberbavam; ergueu-se no meio das ruinas; nasceu quando os dois grandes mundos iam-se chocar, e veio impellir a humanidade para diante, porque a humanidade não podia aniquilar-se, não podia ficar estacionaria, não podia retrogadar um só passo.

Vejamos si quanto a parte dogmatica a defesa é procedente; vejamos si as crenças theologicas de que o catholicismo careceu valer-se para melhor servir a marcha evolutiva, porque a transição não podia ser brusca, não são hoje incompativeis com a razão, antagonicas com o espirito do seculo.

O dogma fundamental do christianismo é Deus, o ente infinitamente perfeito, que tirou o mundo do nada com o *fiat* sublime; Deus, que faz o homem á sua semelhança e imagem e o colloca sobre a terra, objecto immediato das attenções divinas, ponto objectivo para onde convergem todas as suas vistas, porque fóra d'ella só ha o céo, reino de felicidades e gosos eternos promettido aos felizes eleitos, e o inferno, vasto laboratorio, onde as almas dos peccadores condemnados são devoradas por chammas abrasadoras e eternas.

O céo, este campo infinito onde o telescopio do astronomo devassa mundos sem conta: este céo, onde Kepler descobriu leis mathematicas eternas como todas as leis naturaes; este céo, onde Copernico e depois Gallilêo, o promotor esforçado de suas doctrinas, desmente eloquentemente a cosmogonia biblica: este céo, digo, é

apenas a sede de luzernas criadas com o fim de derramar jorros de luz sobre a terra, em torno da qual gravitão todos os astros.

Entretanto o catholicismo vinha desempenhar uma alta funcção social.

E sem essas condições necessarias, sem esses dogmas todos de que lançou mão, e que constituiram toda a sua força, o catholicismo teria ficado impotente, como seria facil mostrar por uma simples comparação com os outros ramos do monotheismo.

O catholicismo, *que era essencialmente o orgão activo e racional de um progresso naturalmente trazido pela nova phase, que tinha attingido a evolução humana*, vinha firmar a auctoridade de uma classe eminentemente especulativa, destinada a servir de guia e directora da humanidade durante esse longo periodo ascencional, mas que necessariamente devia cahir pela imperfeição mesmo de sua philosophia por sua natureza transitoria.

Entretanto o catholicismo ficaria impotente para levar ao cabo semelhante desideratum, e teria indubitavelmente naufragado nos escolhos da theologia, essencialmente vaga e movel, si não podera conter o espirito individual, impondo a fé absoluta como o primeiro dever do christão, e assegurando d'este modo a sua unidade social.

Como estas, todas as creações theologicas de que deveu lançar mão o Catholicismo, e que tão indispensaveis se faziam para o desempenho da sua funcção social, como tão brilhantemente faz ver Augusto Comte, foram eminentemente organicas durante o longo periodo de dez seculos, quando a humanidade em seu periodo ascencional era dirigida por essa classe especulativa, que o catholicicismo vinha firmar. —

Mas quando, á partir dos fins do seculo XIII com Bonifacio VIII, o poder espiritual ambiciona um chimerico dominio absoluto, fazendo desapparecer a divisão que elle proprio firmára, essa immensa organisação entra no seu periodo de decadencia, decadencia palpavel, decadencia visivel, attestada por factos inconcussos.

E o catholicismo, que elevando a moral acima da politica, *fornecera directamente a todos os individuos*

um principio fundamental de apreciação social dos actos humanos (1) quando vio a razão humana penetrar gradualmente os seus principaes preceitos, quando vio o livre arbitrio e exame proclamado no seculo XVI pela boca de Luthero, encerrou-se na estreiteza do dogma, quiz ver ainda vida onde só havia morte, e não quiz enchegar o termo de sua missão social, — mesmo quando as settas vigorosas do scepticismo voltairiano iam-se-lhe cravar profundas no coração.

De então, á partir do seculo XIV, a lucta tem sido desigual, mas sempre renhida. Cinco seculos são decorridos depois que soôu no chronometro da historia a hora fatal do catholicismo.

E durante esse longo periodo a critica methaphysica demolio e arruinou tudo, ainda que se conservasse imponente para reconstruir sobre essas ruinas o edificio soberboso do futuro, papel essencialmente destinado ao positivismo, que vem organisar, que vem sistematisar tudo.

Agora duas palavras quanto ao periodo derradeiro do defensor do catholicismo. O positivismo reorganisando o culto, substituindo ao Deus do catholicismo, a Humanidade, esse grande ser, que nós vemos no passado preparar o presente, e no presente elaborar a revolução do futuro, não offerece de modo algum o *espectáculo d'aquelles que intentam reedificar uma monstruosidade architectonica por sobre as ruinas de um grande edificio.*

O positivismo vem consumar a evolução religiosa, substituindo uma concepção real do mundo e do homem á explicação theologica, é a ontologia metaphysica.

O seu dogma fundamental consiste na concepção de uma ordem immutavel, á qual são submettidos os acontecimentos de todos os generos.

Ao ideal do catholicismo succede a Humanidade.

Diis extinctis, deoque successit humanitas.

« A Humanidade é um ser bem real, cuja natureza composta fez muito tempo desconhecer a sua existencia, hoje scientificamente estabelecida; é o unico verdadeiro, grande — Ser, — o unico verdadeiro ente Supremo! im-

(1) Aug. Comte — Philosophia Positiva. vol. V pag. 338.

menso, pois que cobre o mundo; — eterno, pois que abraça ao mesmo tempo o passado, o futuro e o presente; todo-poderoso, porque nenhuma acção intelligente póde comparar-se á sua. E' da humanidade sobretudo que dependem nossos destinos; é ella que nos protege contra as fatalidades exteriores ou interiores, que nos defende contra o mal physico, que nos fortifica contra o mal moral. E' ella que diminue para nós o peso das imperfeições naturaes, e que abranda a sua amargura; é ella cuja acção tutelar, unica providencia da nossa terra, nos elevou gradualmente das miserias da animalidade aos encantos e a grandeza da vida social. N'ella está o nosso apoio, n'ella está a nossa força, n'ella esté a nossa consolação, nossa esperança, nossa dignidade. Ella é a razão de nosso dever, a condição de nossa felicidade, e a salvação do mundo depende da sua immediata elevação. » (1)

Deveramos passar agora em revista a parte doctrinaria do catholicismo, e ver se ainda n'este ponto é aceitavel a defesa.

Mas contra a nossa expectativa, vae extenso este rapido e imperfeito esboço.

Entretanto no proximo numero nos compromettemos completar esta curta analyse, tomando em consideração a 1.ª parte da defesa que contestamos.

1878.

LAURO SODRÉ.

Ligeiras divagações philosophicas

I

Traçando estas linhas insignificantes temos por fim, não instruir porque as nossas habilitações são quasi nullas, mas tão sómente apresentar as nossas idéas rudimentaes á apreciação dos leitores a fim de corrigil-as si por ventura ellas forem acertadas.

Reflectindo acerca das continuas evoluçoes scintificas realisadas durante o longo periodo decorrido a contar das épocas mais remotas até a era presente, notamos que

(1) *Dr.* Robinet — *Noticia sobre a obra e a vida de Aug. Comte.*

sempre se tem dado em um gráo consideravel isso que alguns chamam choque de idéas e que outros denominam modo de pensar, constituindo propriamente a opinião individual em materia de sciencia.

D'ahi se originam as diversas doutrinas scientificas e as innumeras escolas philosophicas, as quaes desde épocas remotas tem offerecido aos obreiros da sciencia um campo immenso para lutas continuas e renhidas pela causa da verdade.

Essa diversidade de opiniões é considerada geralmente como um facto necessario a que o homem está sujeito por uma acção directa de sua propria natureza. Esse modo de ajuizar provém de partir-se ordinariamente do principio de que não existem duas cousas iguaes em a natureza, e concluir-se erradamente que as idéas devem divergir de homem para homem.

Em nosso fraco entender porém, somos levados a pensar que a divergencia de opiniões não é tão sómente consequencia de uma lei natural, muito embora consideremos um facto inevitavel.

II

Em vista destes preliminares os leitores ficarão talvez indecisos, sem poderem comprehender o que pretendemos demonstrar.

O nosso fim, no presente escripto, é attendendo á deficiencia dos nossos recursos, deixar tão sómente entrever que constituem causas naturaes da divergencia de opiniões a fraqueza e imperfeição da nossa intelligencia, e principalmente o seu estado de ignorancia acerca do objecto de nossas investigações. O nosso fim é ainda deixar entrever que a opinião não é um estado que recebe o espirito em consequencia de uma acção espontanea da natureza, mas sim um estado que depende especialmente da boa ou má direcção dada á intelligencia humana em seu desenvolvimento e actividade, com o fim de descobrir a verdade d'aquelles factos susceptiveis de impressionar o homem. E' nosso fim finalmente deixar entrever que as diversas escolas philosophicas, bem como as differentes doutrinas scientificas, que tem sido sustentadas e seguidas por um

grande numero de proselytos, bem longe de haverem contribuido para o desenvolvimento e progresso da sciencia, têm constituido um elemento determinante do seu enervamento, e muitas vezes do seu atrazo.

Na verdade, si a intelligencia humana fosse um orgão (1) perfeito de observação, si ella tivesse uma força de penetração sufficientemente poderosa para abranger o conhecimento completo de todos os factos do universo, o homem poderia attingir ao estado de um perfeito sabio; poderia tornar-se omnisciente; a ignorancia deixaria de ser um contigente da fraqueza humana.

Admittindo esse estado feliz como comprehender-se a divergencia de opiniões? Como se poderia então imaaginar que a verdade, sendo uma e unica e tendo r c lareza para principal caracteristico, podesse produzi impressões diversas? Mas infelizmente estas hypotheses não pódem ser realisadas, e a nossa intelligencia, fraca e imperfeita como é realmente, se conserva em um estado de ignorancia cujo grão pode ser mais ou menos consideravel relativamente a cada individuo; de modo que, si alguns attingem á verdade de certos factos, outros não pódem comprehendel-a. E' sabido que, geralmente quando não se encontra facilidade de chegar ao dominio da verdade pelos meios legitimos, pela observação, se procura deduzil-a de hypotheses que muitas vezes são variadas e não se acham fundadas em dados solidos. Estas hypotheses combinadas constituem systemas de investigação que variam conforme as hypotheses adoptadas e o methodo empregado para combinal-as.

Vê-se pois, como a divergencia de opiniões provém da fraqueza e imperfeição da intelligencia, bem como da sua ignorancia.

Si as causas naturaes acima mencionadas fossem as unicas que determinassem a divergencia de opiniões, as multiplicadas doutrinas scientificas e as numerosas escolas philosophicas tenderiam a unificar-se, restringindo-se successivamente em numero cada vez mais reduzido.

Com effeito, sendo a nossa intelligencia susceptivel de desenvolvimento pelo exercicio de sua actividade, adquire mais força de penetração tendente a tornal-a

(1) Permitta-se a expressão.

mais apta à comprehensão dos conhecimentos que estão sob sua alçada; sendo ella revestida do caracter de perfectibilidade, o gráo de sua ignorancia tende a diminuir sucessivamente. Por conseguinte, si a igorannncia bem como a fraqueza e imperfeição da intelligencia humana fossem os unicos factos que determinassem a divergencia de opiniões, já podemos comprehender que as diversas opinioes destinadas a explicar um facto qualquer, haveriam de ficar reduzidas a uma só, desde que semelhante facto se achasse plenamente estudado; pois bem sabemos que a verdade sendo uma e unica não comporta systemas de comprovação divergentes e muito menos contradictorios.

Do exposto acima se conclue portanto que, sendo continua e indifinida a marcha da civilisação, e que a intelligencia humana proseguindo sempre na conquista da verdade, o numero das escolas, doutrinas e opiniões deveria ir decrescendo continua e gradativamente, si fosse elle dependente tão sómente das causas naturaes acima mencionadas.

Desde que o numero das opiniões divergentes não seguir esta lei de decrescimento continuo a par do desenvolvimento scientifico, deveremos ficar convencidos de que outras causas tem concorrido para a multiplicação das opiniões, determinando o fraccionamento das doutrinas, e a decomposição dos elementos destinados á philosophia unica de uma só sciencia, que tem para objecto um só universo.

III

Vejamos então quaes são os vicios que tendem a manter a multiplicidade de opiniões diversas e muitas vezes contradictorias, tendo como consequencia a formação das doutrinas scientificas e escolas philosophicas.

Como dissemos acima, ordinariamente se considera a diversidade de opiniões como um facto simplesmente natural. Então chega-se a estabelecer que os homens, obedecendo a uma lei natural, são dotados de opiniões diversas; e d'aqui conclue-se que a opinião em materia de sciencia nada mais é do que um facto inherente aquelle que a possue e que deve ser sustentada, pro-

curando-se mesmo por meio de sophismas harmonisar com ella todos os factos observados em a natureza.

E' assim que vemos geralmente cada qual procurar formar sua opinião sobre uma doutrina de sciencia, ou ainda sobre um facto mesmo insignificante, e pretender que semelhante opinião, ainda quando infundada, constitua um patrimonio seu; e então procura sustental-a a todo transe, dando por esse modo origem ás continuas opiniões desregradas e muitas vezes infundadas. Assim, uns desenvolvem theorias e pretendem formar doutrina baseada em opiniões geralmente viciadas por principios erroneos; outros se dedicam a ampliar, a explorar e mesmo a assimilar uma opinião que lhe parece auctorisada ou que é mesmo pela maioria dos homees considerado como tal.

Ora se uns procuram a todo transe sustentar sua opinião por jugal-a um dote natural, si outros por sua vez pretendem sustentar opiniões de algum pensador revestindo-a de um caracter de infallibilidade mais ou menos pronunciado, collocam por isso mesmo o seu espirito em uma condição desfavoravel, e muitas vezes o inhabilita para adquirir a verdade nas differentes fórmas em que ella póde ser observada.

Aquelle que tem uma intelligencia altamente desenvolvida cerca sua opinião de todo o prestigio que lhe póde dar o talento em suas diversas manifestações. N'estas condições a opinião vai estendendo o seu dominio a um numero de factos cada vez mais consideravel, até attingir ás proporções de uma escola philosophica ou de uma doutrina scientifica.

Por outro lado, a medida que ella vai se generalisando, vai adquirindo maior numero de sectarios. Então comprehende-se perfeitamente que, se fôr falsa semelhante opinião tenderá necessariamente a desviar do caminho da verdade a todos os seus sectarios, embaraçando desta maneira a marcha da sciencia, e desviando da sua verdadeira senda muitos espiritos que, si fossem convenientemente applicados, poderiam ter apresentado prodigos resultados do seu empenho na santa crusada scientifica.

Concluimos do que temos exposto que, longe de procurar harmonisar os factos com as doutrinas afim de

sustental-as, devemos primeiro que tudo empregar todos os meios tendentes a modifical-as, de modo que ellas venham a ficar de accordo com a verdade dos factos successivamente observados. A doutrina pois, deve ficar sujeita aos factos e não estes á doutrina; sob pena de sacrificar a sciencia.

ESPIRITO SANTO JUNIOR.

Influencia do positivismo na sociedade

I

Grande tem sido o numero de adeptos que recentemente tem se ido postar á sombra da bandeira das idéas positivistas. As fileiras dos propugnadores da philosophia metaphysica rareão-se cada vez mais, e seus chefes munem-se do stoicismo necessario, afim de morrerem com e pela idéa que defendem. E' que assim como o sol que aos poucos se vae erguendo no horisonte, afugentando as trevas que envolvem a terra, e banhando-a de luz mostra-se em toda a sua magnitude; assim a philosophia positiva em sua marcha continua circumda o cerebro da geração moderna com os clarões da verdade.

O homem, ser destinado por sua propria natureza ao maximo grão de desenvolvimento, não póde deixar de, obedecendo a sua natural inclinação, querer conhecer os acontecimentos mais ou menos complexos que se passão sob suas vistas.

D'ahi, conforme sua marcha progressiva no estudo dos phenomenos naturaes, os estados theologico, metaphysico e finalmente positivista; mencionados e demonstrados por Augusto Cont.

Antes, pois, de entrarmos no assumpto indicado pela epigraphe, fazemos algumas mais que ligeiras considerações, sobre o homem debaixo da influencia desses tres estados dos quaes resultarão outras tantas escolas.

II

Tomemos pois o homem no primeiro estado.

Por toda a parte vê-se elle rodeado de phenomenos que não comprehende.

As maravilhas naturaes o espantam. Sua imaginação erra tremula sobre os objectos que o cirumdam e como resultado de seu espirito investigador, sob m-lhe aos labios as perguntas: Quem fez tudo isto? Como me acho rodeado desses objectos, cujo usufructo possuo?

E procura arrancar de seu espirito a explicação e demonstração de suas interrogações. Mas sua intelligencia ainda bem pouco esclarecida não acha uma razão sufficiente, á causa dos phenomenos que se dão ás suas vistas; então apossado do temor, crê que aquillo que vê só póde dimanar de um ente sobrenatural.

Uma vez sob influencia dessa idéa, eil-o que se precipita cegamente no oceano das explicações á tudo, sem investigar se um effeito não será por sua vez uma causa. Surgem as explicações absurdas. Todas as cousas são para elle devidas ao sobrenatural.

Levado por esta torrente impetuosa não quer mais pensar. No mar tumultuoso em que se vê, encontrou uma taboa de salvação, a Divindade. Desta fórma, por mais simples, por menos complicado que fosse o phenomeno, á elle presidia um Deus!

III

Mas a lei immutavel, infallivel a que tem de obedecer a especie humana é sempre caminhar! Mas caminhar á custa de muito trabalho, vencendo mil difficuldades; causas estas de nosso aperfeiçoamento.

Assim pois o homem em seu trajecto para a perfeição, não se contentou depois que adquiriu uma certa somma de conhecimentos, com as explicações existentes, Limitou um pouco a intervenção da divindade e estudou com mais reflexão os phenomenos naturaes. Assim preparado entra o homem no segundo estado, e apparece a escola metaphysica

Com o estudo tornaram-se explicaveis aos olhos de sua razão, alguns dos phenomenos até então incomprehensiveis; as causas lhe erão conhecidas. Ao passo porem que uns continuavam na indagação calma e reflectida, da verdade outros lançavam-se impetuosamente atraz d'ella, mas transviando-se á cada passo ao caminho no fim do qual a encontrariam. E' então que surgem aquelles montões de argumentos casuisticos sem razão de ser e completa-

mente despidos de senso commum. Não se importam de partir de uma base inteiramente falsa, contanto que sobre ella levantem um edificio coberto de ouropeis; obra ephemera que se derroca ao menor sopro de um espirito pensador. A febre de tudo explicar chega á seu auge; a imaginação do homem não conhece pêas!

Como era de esperar começou a reação.

IV

Entra em scena a escola positiva. Não lhe é necessaria a divindade, é posta de parte.

Quer o real; o que se vê.

Todos os phenomenos são causas e effeitos uns dos outros.

Todos são élos de uma só cadeia; todos elles se prendem.

O que ella quer é obter a maior somma possivel de principios uteis, e cujas applicações redundem em beneficio da humanidade.

O que ella quer é o aperfeiçoamento moral do homem:

O que ella quer é a santificação dos principios sublimes residentes n'esta base da organisação social, a familia, molecula de cujo agrupamento resulta esse corpo titanico que se chama sociedade.

A escola positivista pois, é a unica pela justeza de seus principios, todos de accordo com a a razão, capaz de levar o homem ao estado mais adiantado de perfeição.

Como todas as idéas grandes muitos embaraços tem encontrado á seu desenvolvimento. Como todas as idéas novas tem luctado muito para remover de sua senda deslumbrante de luz, o penhasco negro e informe do espirito de ro ina. Mas quanto maior for a lucta, quanto maiores forem os obstaculos com os quaes tenha que se haver; tanto maior será a victoria, tanto mais esplendido será o triumpho.

O' Connell Junior.

(*Continúa*).

Saudades de minha irmã

(A' MINHA MÃE)

No abysmo d'uma eterna sepultura
Tua filha, minha mãe, des'pareceu....
Como a roza que o ar da desventura
Rubra petala—beijando—emmurcheceu.

Eu vi o teu martyrio... as tuas dôres...
Comtigo solucei banhado em pranto :
Forão nossos os mesmos amargores
Ante o corpo do ente—anjinho santo.

Mas, não chores, que o placido dormir
D'aquella que nos fôra amor e sonho,
E' perfume da roza que a sorrir
Abriste n'este mundo tão tristonho !

Coitada !... Feneceu-te a doce esp'rança,
Que des'brocha c'o a flôr dos cinco annos,
Em que ella morreu... linda creança,
Voou de Deus aos mysticos arcanos !...

. . . . . .

E Honorina !... O' mãe era tão bella!
Como tinha fulgor n'aquella idade !
Nós havemos de ir á tumba d'ella
Enfeital-a com c'rôas de saudade !

30 de Dezembro de 1877.

ATHAYDE JUNIOR

Scenas da Escravidão

A' TITO AMARAL

(*Ensaios Poeticos*)

I

E'ra uma noite bella ! a cupula sombria
Despira pouco a pouco o véo da escuridão ;
E a lua, brandamente, á terra que dormia,
Nos raios seus mandava a doce saudação.

. . . . . .

Sahira.... o céo era bello,
A terra bella tambem ;
Queria cantar, que é fado,
De um peito que magoas tem.
Queria, á Deos, minhas queixas
Mandar em doces endeixas
Nas azas da viração :
Que o vate, pobre mendigo,
Não tem siquér um amigo
Que o peito lhe escute, não !
Cantei, mas era meo canto
Suffocado pela dor :
Era o pranto de minha alma
Que eu mandava ao Creador :
— Nêste silencio de morte,
— Dizia, quem de seo norte,
— A senda procura em vão ?
— Quem dos homens foragido
— Vem carpir, entristecido,
— As magoas do coração ?...
Quantas vezes nossa mente
Um pensamento não tem,
Que um facto, apóz, de repente,
No mundo compril-o vem !
Assim foi—no meo roteiro,
Alem diviso um ribeiro
Mansamente a deslisar ;
E os astros que scintillavam,
De vez, um raio mandavam
As aguas suas beijar.
Mas, emquanto n'esta scena,
Que prendera os olhos meos,
Contemplava, extasiado,
A magestade de Deos,
Pelas aguas do ribeiro,
Aos impulsos de um remeiro,
Descia humilde batel ;
E o remeiro maldizia,
Em um canto de agonia,
O seo destino cruel.....
O batel, que eu divisára,
Na minha frente parou ;

E o trovador, que cantava,
O meo fallar escutou:
— Neste teo batel veleiro,
— Pelas aguas do ribeiro,
— Onde vaes ? ó remador !
— Si cantas, eu tambem canto ;
— Si choras, eu verto pranto
— De um peito que sente dor ! ?
— Oh conta ! que eu tambem quéro
— Comtigo, vate, cantar ;
— Que possa um canto sincéro.
— Os nossos peitos ligar :
« Eu sou misero prescito,
« Que na fronte traz inscripto
« O signal da maldição ;
« Tenho um peito, nobre, altivo,
« Mas q'importa ? Sou captivo,
« Vergonha eterna, irrisão !
« De Deos, de tudo, descreio,
« Não tenho patria, nem lar :
« Que Deos se tornara alheio
« A'meo constante chorar !
« Ao nascer fui condemnado
« A'ver o solo manchado,
« De meo sangue e meo suor,
« Das turbas escarnecido,
« Sim, que o sangue denegrido
« Não as faz tremer d'horror.
« Minha mãe, est'hora, ao tumulo,
« Talvez esteja á descer :
« As carnes rôtas estavam,
« E o negro sangue á correr !
« E a desgraçada gemia,
« Aos açoites que brandia,
« Possante pulso d'algoz.
« De vingança eu tenho sede,
« Ella, a mim, vingança pede,
« Curvada ao castigo atroz.
« Hei de vingal-a, mas, antes,
« Minha irmã quero abraçar ;
« De meo pranto as faces suas,
« N'um beijo quero molhar :

« E' como orvalho que a rosa
« Pendida n'haste mimoia
« Faz reviver de manhã,
« O rócio que a dor acalma,
« O rócio que vertem n'alma
« Os beijos de nossa irmã.
« Quero vel-a, adeos. Ao *Monge!*
« Muito tenho que remar ;
« E'tarde, já vejo ao longe
« A estrella d'alva brilhar...
« Descera o batel veleiro
« Pelas aguas do ribeiro,
« Ao sopro da viração ;
« Do manto niveo surgindo
« A aurora vinha, sorrindo,
« Despertar a creação.

(*Continúa.*)

Rio, 1874.

RODOLPHO PAIXÃO.

O Primo Basilio, por Eça de Queiroz.

(*Simples notas*).

Por estar já esbatido em todos os tons essse assumpto, desde a valente critica de Eleazar até o arrazoado do mais anonymo critico dos botequins litterarios, e dos *sem malicia*, nem por isso será um crime o emittirmos nossas impressões pessoaes sobre este chefe d'obra da litteratura portugueza. Prescindindo de abundancias doutrinarias, consideramos tão sómente a obra d'arte.

E' o aphorismo capital da esthetica de H. Taine, o grande critico: « *Dans la nature le caractére est dominant, dans l'Art il est dominateur*—Na obra do Sr. Eça Queiroz, o caracter é dominador, satisfazendo ella portanto á condição prima, virtual, dos trabalhos de imaginação. Todos os seus personagens tem um forte desenho e um pronunciado colorido, são caracteres, são

quasi typos, se a escola realista admittisse typos. E é tal a accentuação das figuras que os personagens accessorios, adventicios mesmo, tem cada qual sua autonomia inalienavel, passando de figurantes a figuras, gravando-se na mente do leitor.

Lembra-nos no momento algumas scenas passageiras, mas que reproduzindo-se por todo livro, compõem na economia da obra um soberbo desfilar de *tableaux de genre* extremamente caracteristicos.

Como amostra—o pequeno dialogo do carnuda Pêdra com Juliana, quando esta lhe conta o negocio das cartas; as diversas attitudes e as seccas dos visinhos de Jorge, quando tratão da vida alheia; a descripção de um sujeito fleugmatico que lê desoladamente um jornal n'um botequim, com attenção descuidada ás rixas, cuspindo negra saliva; e uma multidão de detalhes analogos, que sendo da mais escrupulosa fidelidade, em nada tornam-se fastidiosos; cada personagem, por insignificante que pareça, é apresentado ou antes é *mostrado* sob o traço angular de seu caracter; não são figuras imaginadas ou confeccionadas em noite de inspiração, o romancista achou-as no caminho, cahiram-lhe do bico da penna com suas strictas proporções e estão no romance como devem estar. Fazel-os simplesmente moverem-se em sua chata trivialidade, é facil, não demanda o manejo do artista; mas dar a cada um sua vida propria, marcar cada um com o sello de seu destino moral e social, depois prendel-os por mysteriosos élos á grande unidade esthetica e moral do livro, dando a cada qual sua legitima parte no interesse da acção, eis ahi um segredo que só os Eças de Queiroz conhecem.

Entre a *realidade* núa e o *realismo* vai toda a distancia da Arte. Entre um observador qualquer e um observador como Eça de Queiroz existe simplesmente a differença que vai do talento de um ao de outro. Isso é claro como o dia, mas querem sempre discutir a evidencia.

Os personagens do 1º plano asseguraram ao livro um successo fóra de toda a contestação. Sonhamos com elles, assimillamo-os por tal fórma que se nos dá d'apostar terem existido sempre em nossa imaginação, no estado latente; e que para formularem-se só esperavam o grande

sus cabalistico do poeta. A procella das paixões n'elles se encarna, e segue fatalmente sua devastação tremenda.

Bazilio, como Minerva da cabeça de Jupiter, já surgio da cabeça do romancista cofiando os bigodes e telintando as chaves; seguido immediatamente pelo seu *pendant*, seu vademecum, seu diabo, nascido entre um bocejo e um escarro—o visconde Reynaldo.

Avançar-se que Juliana não é caracter de *primo cartello*, sim figurante, accessorio apenas... é... ou não comprehender a grande missão da arte moderna, ou então querer fazer estylo academico. Juliana é o fel do odio, é a negrura de Yago complicada « *pelo luar livido dos direitos boçalmente entendidos, noite do servilismo atravessada pelas labaredas intermittentes que a dignidade humana abafada, á trechos despede, fulva, minaz* »—(1) Juliana é a *revolta* enfezada e sinistra. Reacção formidavel da natureza contra a mulher que nunca amou (sua verdadeira e santa missão na terra); reacção viperina da mulher contra a sociedade que a opprime e detesta. Que nós, a mocidade, os apostolos da liberdade e do bem, não devemos ver n'ella sómente a expressão de uma má indole: n'aquellas erupções do fel e de espuma divisamos sim as fezes, o residuo de uma sociedade ignorante, egoista e má. Que á luz dos principios, Juliana é tambem victima, absolutamente victima. E tal, que desperta-nos uma compaixão mesclada de terrivel sympathia.

Esta creação vigorosa, de traços grossos mas não grosseiros, de colorido crú mas não exuberante, cala-nos no espirito, e cunha a obra com uma possante originalidade.

A *fraqueza* é o fundo do caracter de Luiza, na opinião de abalisados criticos. Aquella perplexidade febril é toda d'ella, profundamente d'ella.

Apodrece á força de pusilanimidade perdendo todo sentimento de responsabilidade moral. E se, após a consummação do crime, parece nos lobrigar em seu espirito uma restea d'aquillo que ella suppõe ser amor e dever,—mera illusão; não passa de um pequeno egoismo de bem estar material, de conforto, de conchego ani-

(1) V. *A Provincia de S. Paulo*. n. 961. Litteratura realista, por Affonso Celso Junior.

mal. Se a sua vergonha fosse além da epiderme, n'aquella posição insustentavel, estando a tempestade por um fio de cabello, se houvesse alguma cousa de inconcusso em seu ser, romperia, romperia de certo com a situação.

E, incapaz d'esse expediente heroico, entregando-se á logica do acaso, não tinha senão morrer, morte logica, irrespondivel, fatal.

Sem querermos estabelecer um parallelo entre Luiza e a Gervasia de Zola, diremos comtudo que entre a composição de seus caracteres e o estudo das causas que os dissolveram, existe palpavel analogia.

O conselheiro Acacio é consummada acclimação e naturalisação do tradicional J. Prud'homme, com toques admiraveis. O filho de H. Monnier, cuja solemnidade balofa e parlapatã ejaculava-se das profundezas de sua convicção, transformou-se aqui em nullidade magistral nacional Lusitana, vasada em hypocrisia ridicula e quasi inoffensiva. Este Acacio não é pois original, mas está tão bem acabado que certo restará uma das confecções mais esplendidas da já numerosa e grotesca galeria dos *amigos da ordem e da conservação*. E' de uma justeza admiravel, esta carapuça. Zola, Flaubert etc., batem forte, mas nem sempre batem justo. Eça de Queiroz dá justo e forte. E' inexoravel na sua exactidão. A descripção do jantar do conselheiro é memoravel. Tinhamos desejo de dizer alguma cousa sobre os outros personagens, mas falta espaço. Lastimamos nada dizer sobre Sebastião e Leopoldina.

Todos os episodios do livro são quadros, todos os quadros tem sua luz propria, seu claro escuro inherente. Verdade é que o author descobre ás vezes tonalidades tão bizarras, que corre o risco de deixar no escuro á quem não tiver a imaginação sufficientemente optica (tons gordurentos, luz avelludada, clarões macios, etc). A feitura da obra, afóra alguns condimentos para um successo de escandalo, nada tem de chocante no seu conjuncto, e em seu tom geral, não tresanda esse ultrarealismo de que a accusam alguns. Visto á conveniente distancia aquelle drama tormentoso, sente-se que devia ter nascido de um só jacto da inspiração do poeta e não architectado tranquillamente na calma do gabinete. Logica implacavel não é *parti-pris*.

Quer-nos parecer que filia-se o artista á esse rea-

lismo ideal ou *naturalismo* ou como quizerem chamar, d'esse que predomina no Kermesse, a obra prima de Rubens.

Queria dizer mesmo—os quadros de Hogarth, através cujo realismo repugnante transparece subitamente o mais sombrio e o mais sublime ideal.

Afinal de contas tanto realistas como idealistas dirão com o patriarcha de Ferney:— « Tous les genres sont bons, hors le genre ennuyeux ».

Sem Malicia.

U. D.

P. F. Acabo agora de ler um juizo sobre o—Primo Basilio—inserto no *Correio Paulistano*.

Começa por um argumento mais que fragil, cavallo de batalha dos moralistas á toda prova:—*Yayá não póde ler tal livro!* e termina apoiando-se na authoridade de L. Veiullot (!!!). A' isso pode-se chamar uma critica sem *pés* nem *cabeça*.

Sem Malicia.

U.

Por absoluta falta de espaço não póde sahir a *Chronica* do presente numero.

Não podemos comtudo deixar de annunciar o proximo apparecimento do—*Filho de D. João*—poema realista, do nosso distincto colleça o Sr. Emygdio Dantas Barreto.

Recebemos e agradecemos: Colombo, Seculo, Gazeta de Campinas, Alvorada, Progresso Litterario, Mo aico Ouro-Pretano, Monarchista e Espirito-Santense.

Rio de Janeiro.—Imperial Instituto Artistico

ASSIGNATURA

Anno.....	6$000
Semestre.....	3$000
Numero avulso.....	$500

Pagamento adiantado.

Recebe-se a correspondencia e assigna-se na Livraria Encyclopedica dos Srs. Maia & Ramos

RUA DE S. JOSÉ N. 113